

Opor ficções

ESTADO DE SÃO PAULO

ÁLVARO DE SÁ

O cenário pós-moderno vai sendo delineado por esse desejo irrefreável de escolha, expressão do indivíduo dentro do coletivo. Afinal, o sentimento mesmo da participação geral está acrescentando um valor a ser cultivado dentro das democracias: o exercício imediato das preferências como nova vivência real da liberdade e da igualdade. Atualiza-se ele, entre outros fatores, pelo acesso ao mercado, em que o bem adquirido testemunha a inserção plena na comunidade material; pela alegria de se associar através dos espaços da comunicação e da informação à aldeia-mundo, no cruzamento de opinião e moda, novela e ecologia; pelo culto à privacidade, modo de manter o sujeito com capacidade para exercer silenciosamente, dentro do aparente caos, suas opções e seus atos significativos.

Dentro deste quadro, podem ser entendidas as rupturas nos socialismos existentes, a visão da perestroika e o papel de Gorbachev. Fica até mais claro o fenômeno do assalto ao Muro de Berlim, com os alemães-orientais indo buscar do outro lado uma igualdade concreta, que era sufocada pela economia estatal planificadora do estrangulamento do consumo. Dentro dele, é ainda possível assumir o ocaso das ideologias, atropeladas pela falência do conceito em si, mas também pelo desprestígio a que vão sendo relegadas pelas sociedades.

É deste modo que também não se pode igualar a vitória de Collor à ascensão do liberalismo. Muito menos dizer que as votações de Lula e Brizola venham de um arrastão esquerdista que emerge do eleitorado. O voto em Brizola foi emocional e regional, partindo de contrerrâneos e de dois Estados que, há algum tempo, reclamam mais distributividade por parte da União. O voto em Lula, decisivo para a vitória, originou-se da influência religiosa comprometida com o retorno ao primitivismo das comunidades de fiéis; ele esteve muito presente em Estados (Minas e Nordeste) onde a devoção do povo é marcante. O voto em Collor foi uma aposta na atualização do País, sinalizada por um combate à burocracia gluttona, pela oposição ao desarranjo dos preços e pelas reformas que ele pregou.

Esquecendo o nítido recado das urnas no primeiro turno, surgem agora pressões para manter a discussão dos candidatos com forma de disputa ideológica. Por interesse mercadológico, os donos da "Rede Povo" procuram apartar o País em bons e maus, pobres e ricos, esquerda e direita. Para logo em seguida confundirem esquerda com progresso, bondade (e consigo mesmo), e direita com atraso, maldade (e com outros que lhes são contrários). Num procedimento maniqueísta de

opor ficções, fazendo de esquerda e direita categorias morais ou coesos blocos sociais.

Os mercadólogos da Frente apresentam-se como se os membros estivessem juntos em torno do progresso, atitude que no mínimo esconde duas mentiras descaradas.

A coesão é coisa que não passa perto desse pessoal. O PT é formado por diversas facções: das religiosas, os pastores querem retomar a condução, nas atividades locais, para acumular vitórias e poder, com vistas a um fortalecimento em suas lutas contra as autoridades de sua religião; enquanto as ovelhas, iludidas em nome da opção pelos pobres, tomam a estrela petista como estrela-guia de seus votos devotos.

O PC do B investe, e já investiu na campanha eleitoral, contra o PCB. O PSB é uma revoada de intelectuais idealistas. Na fome de votos esquecem-se de que, se o candidato do PSDB fosse eleito, teria sido brindado com o voto nulo. O PMDB procura salvação oferecendo apoio. Enfim, forma-se um saco de gatos, um amontoado de partidos, fragmentados, incapaz de assumir sem ambigüidades o poder recuperador a ser delegado pelas urnas.

Sobre o progressismo a certeza é justamente do contrário. A participação de forças religiosas no pleito significa um retorno ao atrelamento

**O PMDB
procura
salvação
oferecendo
apoio**

religião/Estado. A proposta de suspender sumariamente o pagamento da dívida externa vale por um "fechamento dos portos às nações amigas", com reflexos imediatos na taxa de desemprego. A reestruturação agrária noticiada pratica invasões remontando a idéias do século XIII. A pretensão de uma maior atuação do Estado na vida nacional, com o conseqüente predomínio do aparelho burocrático acima da Nação e de suas aspirações, é uma retomada das estruturas dezenovescas tão bem criticadas por Max Weber. O que deixa apreensivos todos aqueles pobres e ricos que sentem quanto o Estado vem atuando no açambarcamento dos ganhos.

O patrolhismo antiquado, que assustou Marília Pêra, já ameaça a todos.

Sócrates propunha a desconfiança nos homens das virtudes que mais apregoassem. Isso também deve ser lembrado hoje. Pois é um caldo requentado, cheio de dissensão interna e de passadismo, que vai ser impingido ao povo brasileiro como progressista e como novidade.

Driblando a todos, a maioria silenciosa falará no ato solitário do voto sem freio e sem ideologia.

Álvaro de Sá é diretor da Associação Comercial do Rio de Janeiro